

AMAZÔNIA Casal de policiais federais atua na fronteira com a Colômbia para investigar suposto recrutamento de índios pelas Farc

PF apura sumiço de jovens índios na fronteira

KÁTIA BRASIL

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MELO FRANCO (AM)

Um casal de policiais federais que atua na fronteira com a Colômbia, na tensa região denominada de Cabeça do Cachorro, no Amazonas, investiga o desaparecimento de índios tucanos brasileiros, com idades de 11 a 19 anos.

Os índios sumiram de três aldeias fronteiriças — Melo Franco, Santa Cruz e São Miguel.

A PF trabalha com a hipótese de que esses índios tenham sido recrutados pelas Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) — no Brasil ou na Colômbia — para atuar do outro lado da fronteira. Outra possibilidade é que eles tenham fugido justamente para não ser recrutados.

Segundo indígenas ouvidos pela Agência Folha, garotos dessa faixa etária e da mesma etnia, mas nascidos nas aldeias colombianas de Los Angeles e Acaricuara, a apenas 25 km do Brasil, estão sendo recrutados pelas Farc por um salário de 600 mil pesos colombianos (cerca de R\$ 600).

A investigação sobre os sumiços no lado brasileiro começou há um mês, quando o mineiro Geraldo de Castro Neto, 31, e a paulista Estela Cristina Assumpção, 26, chegaram a Melo Franco para trabalhar no recém-criado posto da PF em Melo Franco, localidade pertencente à cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM).

Formados em engenharia, Castro Neto e Estela se conheceram há três anos na academia da PF, em Brasília. Lotados no Amazonas, participaram, separadamente, de investigações sobre o tráfico de mulheres e narcotráfico.

Foram mandados agora para Melo Franco, onde o Brasil é dividido da Colômbia apenas por marcos de 1,5 m feitos em concreto por uma comissão de demarcação em 1975. O posto foi aberto pela operação Cobra (junção das sílabas iniciais de Colômbia e Brasil) da PF para proteger os índios, combater o narcotráfico e evitar a entrada das Farc no Brasil.

Nas aldeias, os policiais colhem depoimentos, fotografam os índios um a um e tentam montar uma árvore genealógica para saber quantos jovens sumiram.

Dos registros iniciais, eles sabem que, em Melo Franco, vivem 22 tucanos, e o adulto mais jovem tem 35 anos. Em Santa Cruz, a 10 km de Melo Franco, estão 62 ín-



diós, sendo 35 crianças na faixa de 6 meses a 10 anos de idade. O restante são adultos, sendo o mais jovem de 23 anos. Os dados de São Miguel não foram concluídos, mas há ausência de jovens.

Uma dificuldade na investigação é que os índios negam a existência do problema.

O capitão (como são chamados os caciques nessa região) de Melo Franco, Cassimiro Fernandes, 48, diz que os jovens índios foram estudar em outras localidades, mas não identifica os nomes deles.

“Os jovens estão estudando em Santa Cruz, estamos sozinhos [sem jovens]”, afirmou à Agência Folha, que esteve na região.

Em Santa Cruz, por onde a reportagem passou, não havia jovens estudantes tucanos.

“Só depois da investigação vamos acreditar que os jovens índios estão estudando ou se foram levados pela guerrilha. Portanto, eu torço para que seja verdade [que os índios estão estudando] e que a gente [PF] tenha chegado antes das Farc”, afirmou Castro Neto, que chefia o posto de fiscalização da PF em Melo Franco.

Já Estela acredita que os índios trabalham para as Farc, pela falta de opções na região. “Eu acho que existe o recrutamento e eles [os tucanos] fazem uma tentativa de [nos] enganar.”

Mas o capitão Fernandes demonstra temor pelas Farc. “Os guerrilheiros nunca apareceram aqui, só em Acaricuara [na Colômbia]. Eles sempre vão lá, e ficamos com medo. Os aviões [de guerrilheiros ou narcotraficantes] passam muito aqui [na aldeia de Melo Franco], e as mulheres têm muito medo dos aviões”, disse.

No último dia 28, um dia antes de o ministro Márcio Thomaz Bastos (Justiça) tentar ir a Melo Franco inaugurar oficialmente o posto, uma aeronave não identificada fez sobrevôos rasantes em cima da aldeia de tucanos.



A policial federal Estela Cristina Assumpção segura índio tucano

Índios temem ser recrutados ao cruzar fronteira

DA AGÊNCIA FOLHA, EM MELO FRANCO (AM)

Os índios tucanos de Melo Franco (AM), que nunca tiveram limites para sair do Brasil e entrar na Colômbia, agora temem cruzar as águas do rio Papuri, no extremo noroeste da fronteira entre os dois países. Com medo da ação das Farc, eles têm evitado visitar os parentes nas aldeias colombianas de Los Angeles e Acaricuara.

Segundo indigenistas consultados pela Agência Folha, os tucanos migraram (não é possível precisar o século) do Sudeste brasilei-

ro para a Amazônia e se estabeleceram no alto rio Negro.

O casamento na etnia é exogâmico (cruzamento de indivíduo não aparentado ou com grau de parentesco distante), por isso os tucanos vão a outras aldeias em busca de uma esposa.

Os últimos casamentos na região aconteceram entre as aldeias de Melo Franco e Los Angeles e Acaricuara, as mais próximas. O mais recente foi há sete anos entre a tucana colombiana Judith Villegas, 28, e o tucano brasileiro Luiz Penha da Silva, 35. O casal, que fa-

Operação da PF instala seu 10º posto na região

DA AGÊNCIA FOLHA, EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM)

As ações dos narcotraficantes e o recrutamento de índios pelas Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) levaram a Operação Cobra da Polícia Federal a instalar o seu décimo posto de fiscalização na localidade de Melo Franco, que faz parte do município de São Gabriel da Cachoeira (AM).

A Operação Cobra (junção das sílabas iniciais de Colômbia e Brasil) atua há três anos na fronteira de 1.644 quilômetros de extensão entre os dois países. O objetivo da operação é combater o narcotráfico e a entrada de guerrilheiros na Amazônia brasileira.

Custo

A PF não informa quanto gasta para manter o posto em Melo Franco. A Agência Folha apurou que as obras do posto custaram R\$ 80 mil. Cada hora de voo da aeronave Caravan que a PF mantém à disposição da Operação Cobra é de R\$ 600.

Antes da instalação do posto em Melo Franco só havia segurança do território nacional em Querari (50 km de Melo Franco), onde o Exército mantém um Pelotão Especial de Fronteira.

Os PEFs (Pelotões Especiais

de Fronteira) são unidades do Comando Militar da Amazônia presentes na região que dão apoio às ações da Operação Cobra na região de fronteira.

Apreensão

No dia 9, a Agência Folha acompanhou uma ação das duas corporações no rio Içá — na cidade de Ipiranga — que resultou na apreensão de 61 kg de cocaína, 6 kg de heroína e 30 mil litros de gasolina contrabandeados.

As drogas estavam em uma balsa puxada por um rebocador — que transportava colombianos e material de construção. Numa vistoria inicial, os policiais federais encontraram 16 kg de cocaína dentro de uma caixa de óleo.

Depois de uma busca mais detalhada, foi descoberto um fundo falso da balsa.

O proprietário da embarcação, o colombiano Hermán Piñeda Osório, foi preso em flagrante por tráfico internacional de drogas.

Osório negou ter conhecimento de que seu barco era usado para transportar drogas. “Eu não sabia que tinha isso [droga]”, declarou.

À Agência Folha, Osório contou que pagou pedágio de R\$ 30 a guerrilheiros das Farc no rio Putumayo — como é chamado o rio Içá, no lado colombiano — para passar com o barco da cidade de Puerto Assis para Letícia e depois alcançar Tabatinga, cidade já localizada no lado brasileiro. (KB)